

MELLO, V. H. D.; VIER, S. O professor de língua(s) como um falante da língua. *ReVEL*, vol. 18, n. 34, 2020. [www.revel.inf.br]

## O PROFESSOR DE LÍNGUA(S) COMO UM FALANTE DA LÍNGUA

*The language teacher as a language speaker*

Vera Helena Dentee de Mello<sup>1</sup>

Sabrina Vier<sup>2</sup>

verahdm@unisinós.br

sabrinavier@unisinós.br

**RESUMO:** Neste artigo, propõe-se, a partir da problematização de uma análise linguística realizada por uma aluna de Letras, dirigir um outro olhar para as formas linguísticas que convivem num texto – através das lentes da teoria da enunciação benvenistiana. O que motiva esta reflexão é a constatação de que muitos acadêmicos de Letras chegam à universidade com a concepção de que o estudo de formas linguísticas restringe-se à nomenclatura, evidenciando extrema dificuldade de romper as formas com vistas à construção de sentidos. Na perspectiva de análise defendida aqui, são fundamentais os seguintes postulados de Émile Benveniste: (i) forma e sentido estão estreitamente ligados em toda a extensão da língua; (ii) a língua em funcionamento produz uma semântica própria, decorrente da sintagmatização das palavras; (iii) toda vez que se enuncia, o homem insiste em dizer-se. Com base nesses pressupostos teóricos e na análise desenvolvida, defende-se a ideia de que o professor, ao estudar a língua em funcionamento, muito antes de ensinar uma língua, fala uma língua.

**PALAVRAS-CHAVE:** Enunciação; língua em funcionamento; sintagmatização-semantização.

**ABSTRACT:** This article proposes, from the problematization of a linguistic analysis performed by a student from the Faculty of Language, to take another look at the linguistic forms that live in a text - through the lenses of the Benvenistian Theory of Enunciation. What motivates this reflection is the fact that many scholars of Language come to the university with the conception that the study of linguistic forms is restricted to the nomenclature, showing extreme difficulty in breaking forms in order to construct meanings. From the perspective of analysis defended here, the following postulates of Émile Benveniste are fundamental: (i) form and meaning are closely linked throughout the language; (ii) the working language produces its own semantics, resulting from the syntagmatization of words; (iii) every time one enunciates, the man insists on saying himself. Based on those theoretical assumptions and on the analysis developed, it is defended the idea that the teacher, when studying the language in operation, long before teaching a language, speaks a language.

**KEYWORDS:** Enunciation; language in operation; syntagmatization-semantization.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professora dos Cursos de Letras e de Direito da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Professora dos Cursos de Letras, Pedagogia e Administração: Gestão para Inovação e Liderança da UNISINOS.

## ALGUMAS REFLEXÕES INICIAIS

Em nossa experiência como docentes de um curso de Letras, constatamos que a concepção de estudo de língua que os alunos trazem da Educação Básica é, comumente, a de identificação e categorização de formas linguísticas ou de apreensão de regras gramaticais da variedade linguística culta. E, quando vão realizar planejamentos, seus questionamentos, antes mesmo de lerem o texto que usarão para suas aulas, parecem ainda revelar as vivências que tiveram na escola: “preciso olhar os pronomes, né?”, “o título é importante?”, “e os sinais de pontuação?”, “não posso esquecer os verbos!”. Essas questões colocam em cena que os estudantes têm buscado um *a priori* ao texto para construir seus planejamentos, como se a análise linguística, independentemente do texto em estudo, tivesse de dar conta de formas específicas a serem categorizadas, ou seja, de formas divorciadas do sentido.

Desde 2017, com a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), escolas em todo o país têm reformulado seus currículos tendo por base a BNCC. Em seu texto, a BNCC define quatro eixos de integração para o estudo da língua: oralidade, leitura/escuta, produção e análise linguística/semiótica. Em relação à análise linguística/semiótica, pontua que “envolve conhecimentos linguísticos – sobre o sistema de escrita, o sistema da língua e a norma-padrão –, textuais, discursivos e sobre os modos de organização e os elementos de outras semioses” (BRASIL, 2017: 71), destacando que estudos de natureza teórica e metalinguística não devem ser um fim em si mesmo. Nesse sentido, o eixo de análise linguística/semiótica deve focar a materialidade linguística responsável pelos efeitos de sentido do texto, “[...] seja no que se refere às formas de composição dos textos, determinadas pelos gêneros (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação de produção, seja no que se refere aos estilos adotados nos textos, com forte impacto nos efeitos de sentido”. (Brasil, 2017: 80).

E o que toda essa constatação presente na BNCC diz para quem trabalha com formação inicial de professores de Língua Portuguesa? Pensamos que põe em relevo a significância da língua, que é engendrada pela materialidade linguística. Assim, consideramos que a Teoria da Enunciação benvenistiana tem muito a contribuir para o desenvolvimento de atividades de análise linguística em cursos de formação de professores de língua. Isso porque precisamos de um ponto de vista que, por meio do estudo da língua em funcionamento, sensibilize os alunos a verem forma e sentido

como noções intimamente relacionadas: “um saber do e sobre o homem que advém de sua posição de falante” (Flores, 2019: 316), concebendo-se, dessa forma, um trabalho com a linguagem como experiência humana.

A fim de construir nosso ponto de vista, partiremos de uma vivência de planejamento produzida por uma aluna do curso de Letras. Planejando uma sequência didática, com foco no gênero discursivo carta de solicitação, a aluna produziu uma oficina, visando a contemplar a análise linguística de um texto. Neste artigo, analisaremos essa oficina, levando em conta o objetivo aqui traçado.

Seguimos o seguinte percurso no presente texto: após as palavras iniciais, discorreremos sobre a relação entre forma e sentido (sintagmatização e semantização), com base na Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, pressuposto teórico que norteia nossa problematização; em seguida, analisamos uma oficina planejada pela aluna de Letras, com vistas a observar em que medida contempla a relação entre a sintagmatização e a semantização, colocando-se como uma falante da língua; por último, tecemos algumas considerações que concluem este artigo.

## 1. A ANÁLISE LINGUÍSTICA E A IMBRICAÇÃO ENTRE SINTAGMATIZAÇÃO E SEMANTIZAÇÃO

Explicuemos, primeiramente, o título desta seção. Com amparo no postulado de Benveniste (1989: 221), em **A forma e o sentido na linguagem**, de que forma e sentido são “noções gêmeas” e relacionando, neste trabalho, a noção de forma à sintagmatização e a noção de sentido à semantização, podemos afirmar que há um vínculo estreito entre os processos de sintagmatização e de semantização. E é esse vínculo que precisa funcionar como um *a priori* na análise linguística.

Benveniste emprega o termo “sintagmatização” no artigo **A forma e o sentido na linguagem**, que registra uma conferência dirigida a filósofos em 1966:

Na base, há o sistema semiótico, organização de signos, segundo o critério da significação, tendo cada um destes signos uma denotação conceptual e incluindo numa subunidade o conjunto de seus substitutos paradigmáticos. Sobre este fundamento semiótico, a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada, produzida pela **sintagmatização** das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo (Benveniste, 1989: 233-234, grifo nosso).

Essa citação de Benveniste deixa claro que a “semântica própria”, ou semantização singular, que é produzida em cada enunciação, apoia-se no aparelho formal da língua (“fundamento semiótico”). Ou seja, o locutor mobiliza o aparelho formal da língua e constrói o aparelho formal da enunciação, que é sempre único. Na língua em funcionamento, o sentido é promovido, portanto, pela sintagmatização, que consiste na organização sintática das palavras, quando atualizadas no discurso.

No mesmo artigo, Benveniste (1989: 229) postula que “[...] a expressão semântica por excelência é a frase”. Na frase<sup>3</sup>, segundo o linguista, não se tem mais o significado do signo, mas o *intenté*, aquilo “[...] que o locutor quer dizer, a atualização linguística de seu pensamento” (Benveniste, 1989: 229). Isso significa que não é de uma soma de signos que advém o sentido: este é realizado por micro e macrossintagmatizações. Dessons (2006) explica que a atualização do pensamento a que Benveniste se refere não é o pensamento como conteúdo, mas como processo de significação. E acrescenta: “o sujeito está ao lado da semântica; a semântica, ao lado do sujeito”. (Dessons, 2006: 149, tradução nossa).

Podemos afirmar, então, que a sintagmatização remete à cumplicidade existente entre as formas linguísticas. Associamos a ideia de forma à sintagmatização, porque, na língua em funcionamento, não existe forma concebida isoladamente. No domínio semântico, a palavra perde a independência que possuía como signo no domínio semiótico.

Flores (2013) chama a atenção para a relevância da noção de frase em Benveniste e para os conceitos a ela relacionados: sintagmatização, agenciamento de palavras, atualização linguística, acontecimento. Segundo o autor, observa-se uma perspectiva de enunciação em Benveniste que é “[...] menos ligada aos indicadores de subjetividade e mais ligada à sintagmação das palavras”. (Flores, 2013: 146).

A semantização, operada no processo de transformação da língua em discurso, é uma ação intimamente relacionada à sintagmatização, pois é mediante o arranjo sintagmático que o locutor produz determinados efeitos de sentido. Assim como forma e sentido são noções indissociáveis, as ações de sintagmatizar e de semantizar também estão unidas umbilicalmente na língua em funcionamento.

---

<sup>3</sup> Salientamos que a frase aqui entendida, de acordo com a concepção benvenistiana, não corresponde à sentença ou período da sintaxe formal ou tradicional, mas representa a linguagem em ação, podendo, inclusive, ser sinônimo de texto ou de enunciação.

Para Benveniste (1989), a sintagmatização está subordinada à semantização: “A partir da ideia, a cada vez particular, o locutor agencia palavras que neste emprego têm um ‘sentido’ particular”. (Benveniste, 1989: 231).

Ono (2007) corrobora esse ponto de vista ao sustentar que, para Benveniste, “a sintagmatização, esse movimento que cria a frase, não é então uma simples combinação de palavras. Essa ação implica toda operação semântica, até mesmo lógica que ocorre no interior da frase”. (Ono, 2007: 69, tradução nossa). A autora sustenta que, na sintagmatização, “[...] há acordos e desacordos entre as palavras, a fim de criar um arranjo harmonioso e um sentido global” (Ono, 2007: 69, tradução nossa). A linguista, portanto, deixa claro que a convergência e a divergência entre as palavras promovem harmonia na organização da frase e, a partir dessa sintagmatização realizada pelo locutor, chega-se à semantização.

Benveniste observa que muitos linguistas tentam, em vão, evitar, negligenciar ou excluir o sentido em suas análises, mas “essa cabeça de Medusa está sempre aí, no centro da língua, fascinando os que a contemplam.” (Benveniste, 2005: 135). Fugir dessa cabeça de Medusa tem sido tendência também de jovens estudantes de Letras quando planejam aulas de Língua Portuguesa, centrando suas propostas na gramática como um fim em si mesma (em regras e na nomenclatura), e não como combinação de formas linguísticas por meio das quais o falante semantiza. E como sensibilizar os estudantes para o fascínio de contemplar essa cabeça de Medusa?

Flores (2019), após trazer um texto de Claudine Normand, intitulado “O paradoxo do gramático” (2002), ressalta que se pode analisar de duas formas a atividade do falante, que recorre ao sistema da língua e produz uma realidade singular: usando a “metalinguagem dos linguistas” (Normand, 2002: 9), ou “não esquecendo que o linguista é também falante”. (Flores, 2019: 303). Parece-nos que aqui se aponta um caminho: propor uma análise linguística para um texto está muito mais para **falar uma língua** do que para **ensinar uma língua**. Explicemo-nos: analisar a língua em funcionamento não é uma ação a ser ensinada, mas uma experiência a ser falada.

## 2. O professor como um falante da língua

Em seu último livro, **Problemas gerais de linguística**, Flores (2019) traz reflexões sobre o homem e a língua ou, mais precisamente, sobre o falante e a língua. O linguista defende a urgência de pensarmos que o fato de o homem falar não pode ser negligenciado no estudo da língua. Deslocando essa proposição para o que focalizamos aqui, podemos argumentar que o professor é, antes de tudo, um falante da língua – e isso não pode ser deixado de lado quando se planeja uma aula de Língua Portuguesa.

Normand (2009: 81), em diálogo com o que aqui propomos, questiona a análise linguística compreendida como um princípio generalizável:

Se a frase, como diz nesse texto de 19664, “só existe no instante em que é proferida e se apaga nesse instante”; se “é um acontecimento que desaparece”, portanto, por definição, particular e única, parece-me que o estudo das frases depende menos de uma análise linguística (em princípio generalizável) do que de um comentário de texto cada vez particular.

Nesse viés, parafraseando Flores (2019), o professor, quando usa a língua para falar da língua, é um comentador de sua relação com a língua: “[...] aquele que estuda a língua deve se colocar do ponto de vista de quem fala” (Flores, 2019: 318). E, ao comentar a sua relação com a língua, o falante, segundo Flores, usa a língua para falar da língua – o que Benveniste (1989) denomina de propriedade de interpretância.

Em **Semiologia da língua** e nas notas manuscritas das últimas aulas no Collège de France, Benveniste (1989, 2014) tece reflexões acerca dos princípios e da natureza da relação entre sistemas semiológicos. E aqui nos interessa pensar a relação de interpretância: como a língua interpreta a própria língua?

Benveniste (1989) destaca que a língua é o interpretante de todos os sistemas semiológicos – inclusive dela mesma. Isso porque a língua comporta, ao mesmo tempo, a significância dos signos e a significância da enunciação: e este é o poder maior da língua, “[...] o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância” (Benveniste, 1989: 66).

---

<sup>4</sup> A autora refere-se ao artigo **La forme et le sens dans le langage**, publicado pela primeira vez em 1966, em *Le Langage II* (Sociétés de Philosophie de langue française, Actes du XIIIe Congrès, Genève). Em *Problemas de Linguística Geral II*, publicado em 1989, esse artigo é traduzido sob o título **A forma e o sentido na linguagem**.

Assim, compreender o professor como um falante da língua é pontuar que este, ao analisar a língua em funcionamento, nada mais é que um falante que comenta a própria língua por meio de sua fala. Não há, pois, como ensinar uma língua, mas, sim, falar sobre ela e por meio dela.

Nessa perspectiva, não vemos como coerente a análise linguística de um texto com categorias pré-determinadas, pois toda enunciação é uma fala singular. Isso não quer dizer que o “comentário de texto cada vez particular” (Normand, 2009: 81) possa basear-se em impressões pessoais, prescindindo das formas linguísticas que convivem no texto. A autora (2009: 102) frisa que temos de nos apoiar “[...] na precisão de uma análise das formas, do jogo de seus limites e possibilidades”. Para falar dos fenômenos da enunciação, o sistema da língua, portanto, funciona como ancoragem da relação de interpretação. É preciso deixar o locutor dizer-se por meio do texto, perscrutando-se as sintagmatizações, por intermédio das quais é produzida a semantização.

### **3. UM OLHAR ENUNCIATIVO PARA A ANÁLISE LINGUÍSTICA PROPOSTA POR UMA ALUNA DE LETRAS**

Nesta seção, descrevemos, inicialmente, uma experiência que vivenciamos em sala de aula, ao propormos a alunos de Letras a elaboração de uma sequência didática na qual, além da exploração de características que identificam o gênero textual selecionado, deveria ser desenvolvida uma análise linguística do texto. Em seguida, através das lentes da enunciação benvenistiana, tecemos algumas considerações sobre a proposta da aluna e sobre o texto escolhido por ela como objeto de estudo.

#### **3.1 RELATO DO PROCESSO DE ESCRITA E REESCRITA DE UM PLANEJAMENTO DE OFICINA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Como proposta de planejamento em uma atividade acadêmica que visa a abordar metodologias possíveis para vivências de práticas de linguagem, os alunos foram desafiados a elaborar uma sequência didática, em diálogo com a proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e com a vivência literária de um conto<sup>5</sup>, a partir da escolha de um gênero textual. Uma aluna, a quem chamaremos de Luana,

---

<sup>5</sup> Em momento anterior, os alunos realizaram o planejamento de uma vivência literária.

escolheu trabalhar com o gênero “carta de solicitação” em um nono ano do Ensino Fundamental. Sublinhamos que, além da abordagem de características do gênero textual selecionado e da situação comunicativa em que o texto se insere, os acadêmicos deveriam também desenvolver uma análise linguística.

Esse planejamento é realizado durante a sequência de cinco aulas, em que os alunos, por meio do movimento de escrita e reescrita, em diálogo com a professora e com as leituras teóricas realizadas no semestre e no curso, vão construindo suas propostas.

Na primeira versão do planejamento, a aluna relatou como pensava a sequência de oficinas:

**Apresentação da situação comunicativa** - Explicar aos alunos que, a partir do conto “Anjos das Marquises”, será iniciada uma sequência didática sobre Carta de solicitação. Individualmente, os alunos escreverão uma carta solicitando aos anjos das marquises uma campanha publicitária que divulgue seus produtos e sua ideia.

**Proposta de produção inicial** - Pedir que os alunos escrevam uma carta de solicitação para os anjos das marquises, solicitando que façam uma campanha publicitária da sua organização.

#### **Oficinas**

Oficina 1: Solicitação - para quem se solicita, maneiras para solicitar algo e o que é relevante na hora de solicitar alguma coisa.

Oficina 2: Argumentação - o que é relevante na argumentação de uma carta de solicitação.

Oficina 3: Pronomes de tratamento e outras marcas linguísticas presentes no gênero.

#### **Proposta de produção final**

#### **Reescrita**

Nesta primeira escrita, Luana evidencia a compreensão da proposta de sequência didática. No entanto, houve necessidade de retomada quanto ao planejamento das oficinas, principalmente no que se refere à compreensão do gênero textual e das marcas linguísticas que constroem o sentido do texto. Cabe destacar que a acadêmica planejou três oficinas separadas: a oficina 1 aborda a situação de comunicação em que se insere uma solicitação, levando em conta os protagonistas da enunciação; a oficina 2 contempla aspectos relacionados ao modo de organização argumentativo; e a oficina 3 consiste na análise linguística do texto. Isso revela que a aluna não contempla, em seu planejamento, a enunciação em sua globalidade, que implica o próprio ato, as circunstâncias em que se realiza e as formas linguísticas que



o locutor mobiliza para agir sobre o outro. Quando anuncia, na oficina 2, que tratará do que “é relevante na argumentação de uma carta de solicitação”, a aluna parece conceber a argumentação como divorciada das formas linguísticas que o locutor mobiliza para influenciar o alocutário a atender a sua solicitação. Ela propõe contemplar, nesta oficina, características da argumentação e do gênero carta de solicitação, sem levar em conta a sintagmatização realizada pelo locutor com vistas à semantização.

Considerando o objetivo do presente artigo, circunscrevemos nossa análise à forma como a aluna deu continuidade ao seu planejamento no que se refere à oficina 3. Na terceira versão da proposta, Luana produziu seu planejamento da oficina que abordava as marcas linguísticas:

Nova Esperança, 20 de outubro de 2013.

À direção da empresa Motorola,

Sou cliente da empresa há três anos e sempre estive satisfeito com a eficiência dos serviços prestados e com a qualidade dos produtos oferecidos. No entanto, ao adquirir um novo celular, observei que este apresenta uma grave falha técnica, pois sua bateria descarrega em menos de vinte e quatro horas.

A assistência técnica autorizada informou-me de que não há como solucionar o problema. Como o celular ainda está no período de garantia, peço a troca do aparelho o mais rápido possível. Certo de poder contar com a eficiência e seriedade da empresa, desde já, agradeço.

Atenciosamente,

Adriano Souza.

Oficina 3 – Análise Linguística

Realizar uma oficina sobre a importância dos pronomes de tratamento para a construção da carta.

A aluna demonstrou, em aula, bastante dificuldade em pensar a língua em funcionamento no texto por ela selecionado – tanto que somente anunciou o que faria na oficina. A partir de uma conversa em aula, questionamos se os pronomes de tratamento eram a única marca linguística responsável pela construção de sentido numa carta de solicitação. Além disso, ao lermos o texto que sugeriu, observamos que não apresenta a categoria gramatical que ela pretendia abordar. Conversamos, então, sobre a finalidade discursiva desse texto e sobre a construção do sentido por meio do arranjo de formas linguísticas.

Na quarta versão de seu planejamento, Luana entregou esta proposta:

- Projetar na lousa interativa a carta endereçada à Motorola. Um aluno por vez vem e grifa um verbo e coloca o tempo verbal com a ajuda dos colegas e da professora. Depois a professora faz as seguintes perguntas aos alunos:
  - Quais tempos mais aparecem?
  - O que cada verbo carrega de significado neste contexto?
  - Há algum padrão entre esses significados e o tempo verbal? Quais?

Observa-se, nesta versão da oficina 3, que a aluna abandona a ideia de analisar os pronomes de tratamento (que, como já referimos, nem são usados pelo locutor!) e decide convidar os alunos com os quais visa vivenciar seu planejamento a olharem para os verbos: parece-nos que Luana não compreendeu o questionamento sobre a finalidade discursiva do texto e sobre a relação forma-sentido, pois decide focalizar outra classe gramatical – os verbos –, sem, no entanto, associar a sintagmatização à semantização e sem considerar a finalidade discursiva da carta de solicitação. Indagada, mais uma vez, sobre a relação existente entre as formas verbais mobilizadas pelo locutor e o sentido que promovem, a aluna reescreve sua proposta.

Na quinta e última versão de seu planejamento, Luana constrói sua oficina desta maneira:

Realizar o seguinte exercício com os alunos:

1. Grife os verbos que você encontrar na carta acima.
2. Escreva quais são os tempos verbais desses verbos.
3. Quais tempos mais aparecem? Como esses tempos constroem o sentido do texto?

De alguma forma, por meio da última pergunta produzida por Luana, ela está atenta à relação indissociável entre forma e sentido. No entanto, a questão “Como esses tempos constroem o sentido do texto?”, em seu planejamento, não funciona como um dispositivo para que seus alunos possam também falar sobre isso. Dito de outro modo, as três questões formuladas não dão conta dos sentidos do texto, tampouco auxiliam os alunos a compreenderem que as questões promovidas pelo professor possibilitam falar sobre “[...] o dizer do homem sobre o fato da língua estar nele” (Flores, 2019: 319). Dito de outro modo, planejar uma aula é possibilidade de promover um estudo da língua em funcionamento e, por isso, do discurso de cada homem, que permita voltar a esse dizer, quer de forma reflexiva, quer de forma interpretativa, “[...] sobre os efeitos da língua no homem, contornando-os de sentido”. (Flores, 2019: 320).

### 3.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ENUNCIATIVAS ACERCA DO PLANEJAMENTO DA ALUNA

Primeiramente, é importante ressaltar que uma análise linguística sob a perspectiva enunciativa deve olhar para o texto como produto da enunciação, a qual, por ser evanescente, só pode ser indiretamente acessada por meio do texto (frase ou enunciado, para Benveniste). É no texto que permanecem as marcas do “homem que fala” em sua relação com a língua. Além disso, não podemos esquecer que o professor de Língua Portuguesa, que analisa a língua em funcionamento com seus alunos, e os alunos com os quais partilha reflexões sobre o texto são falantes dessa mesma língua.

É apriorístico, na análise linguística à luz da Teoria da Enunciação de Benveniste, que, por meio da sintagmatização, o locutor semantiza e se inscreve em seu discurso. Diante de um texto, é preciso, pois, inquirir as formas linguísticas, não para etiquetá-las e separá-las em caixinhas morfológicas e sintáticas, mas para que elas nos desnudem sentidos que promovem em sua cumplicidade com outras formas. Pelo viés enunciativo, o objetivo de uma análise linguística não é ir ao texto para buscar formas linguísticas que se enquadram em determinada categoria morfológica ou sintática. Precisamos deixar o texto falar e significar, por meio de seus arranjos sintagmáticos.

Olharemos para o texto selecionado pela acadêmica Luana, em seu planejamento, como um “ateliê modesto em que são elaboradas as expressões mais fortes, assim como as distinções mais refinadas, através dos meios mais corriqueiros” (Normand, 2002: 7). Ater-nos-emos aqui a alguns “meios” (sintagmatizações) pelos quais o locutor visa a semantizar e a agir sobre o alocutário com vistas ao atendimento de sua solicitação. Usaremos “a metalinguagem dos linguistas” (Normand, 2002: 9) e dos gramáticos tradicionais para fazermos menção às formas (estruturas) linguísticas contempladas, embora essa metalinguagem não seja, de forma alguma, o que deve ser priorizado em aulas de língua materna.

Não trataremos aqui de marcas linguísticas que comumente identificam o gênero carta, como indicação de local e data, uso de vocativo (explicitação do alocutário), expressão adverbial de modo que encerra o texto, conferindo-lhe polidez ou respeito, e identificação do signatário (locutor). Julgamos que, na análise linguística desse texto, é preciso observar que o locutor não faz uso de pronomes de tratamento, porque não detém a informação de quem é o “Ilustríssimo Senhor”

diretor da empresa Motorola – dessa forma, usa o vocativo mais genérico “À direção da empresa Motorola”. Este seria um tópico de análise linguística importante em uma oficina para o planejamento de Luana: qual o impacto, na argumentação empreendida pelo locutor, no uso de um pronome de tratamento ou de um vocativo mais genérico em uma carta de solicitação? E, nesta carta, o uso de um pronome de tratamento estaria mais adequado na construção do ponto de vista defendido pelo locutor? Por quê? Muito mais do que uma oficina sobre pronomes, seria um estudo sobre procedimentos linguístico-discursivos e efeitos de sentido.

Na semantização do texto, sublinhamos a relação de oposição, expressa pelo articulador “No entanto”, por meio da qual o locutor apresenta o argumento que prepondera (“ao adquirir um novo celular, observei que este apresenta uma grave falha técnica”) e que constitui, juntamente com o fato de a assistência técnica autorizada afirmar que o problema é insolúvel, a justificativa que sustenta o ato de fala da solicitação. Mediante essa sintagmatização, o locutor mostra a fragilidade ou insuficiência do argumento anterior (satisfação, durante três anos, com a eficiência dos serviços prestados e com a qualidade dos produtos oferecidos pela Motorola). A partir desse arranjo sintagmático, advém um sujeito que revela insatisfação com a empresa Motorola. São postas em relevo duas realidades contrastantes, situadas em tempos distintos, expressos por meio do adjunto adverbial “há três anos” e da oração adverbial “ao adquirir um novo celular”. Essas expressões adverbiais, portanto, não só situam fatos no tempo, mas produzem a semantização de que a empresa Motorola está sendo negligente (diferentemente do passado) no que concerne à prestação de serviços e à qualidade dos produtos. Destacamos também que, na busca da influência sobre o alocutário, no sentido de levá-lo a aderir a sua tese e a deferir o pedido, não basta que o locutor mencione a existência de “uma grave falha técnica” em seu celular: ele precisa explicitar essa falha técnica para que sua argumentação atinja mais facilmente aquele(s) sobre o(s) qual(is) deseja agir. Assim, o locutor sintagmatiza – agenciando a oração coordenada explicativa “pois sua bateria descarrega em menos de vinte e quatro horas”, por meio da qual justifica a afirmação de que a qualidade de seu novo celular está comprometida.

Neste ponto, Luana poderia propor o estudo da intrínseca relação entre a construção de argumentos, que visam defender um ponto de vista, e a sintagmatização empreendida pelo locutor. Basta ter um bom argumento? Qual o papel, neste texto, do operador argumentativo “no entanto” na construção da

argumentação? Se não tivéssemos essa oposição, a insatisfação com a empresa ainda estaria presente nessa carta? Analisando essa insatisfação, qual o papel das expressões adverbiais? Vejamos que aqui, muito mais do que levantar marcas linguísticas, interessa ver como, neste texto, tais marcas, porque presentes na sintagmatização empreendida pelo locutor, produzem sentidos.

Na oração coordenada explicativa analisada, é pertinente ainda focalizar o sentido construído no texto mediante o emprego do adjunto adverbial “em menos de vinte e quatro horas”. Seria de extrema importância que Luana refletisse, com seus alunos, sobre a importância de olhar para a riqueza do material linguístico de enunciações aparentemente corriqueiras e modestas e para formas linguísticas consideradas sintaticamente acessórias.<sup>6</sup> Nessa carta de solicitação, o adjunto adverbial de tempo referido é crucial para a argumentação empreendida no texto, pois toda bateria de celular descarrega. O que indica uma “grave falha técnica”, na visão do locutor, é a rapidez com que a bateria de seu celular descarrega. Outros dois adjuntos adverbiais que selecionamos nesta proposta de análise são os seguintes: “ainda” e “o mais rápido possível”. Essas duas formas linguísticas atuam, semanticamente, juntas no texto, embora não sejam contíguas. Isso mostra que a noção de sintagmatização, morfológica derivada do termo “sintagma” (unidade sintático-semântica), é bastante ampla, pois se refere à convivência de palavras, expressões, orações e porções maiores num texto, as quais não são, necessariamente, vizinhas. Por meio do adjunto adverbial “ainda”, o locutor marca a ideia implícita de que o período de garantia acabará num futuro próximo, sintagmatização-semantização que embasa outra sintagmatização-semantização: o pedido de urgência na troca do aparelho celular (“o mais rápido possível”).

Seria fundamental que Luana observasse isso em sua oficina: para justificar o pedido de urgência, os adjuntos adverbiais, em diálogo com o restante do texto, apresentam papel importantíssimo na argumentação desenvolvida pelo locutor. Neste ponto, seria interessante, talvez, brincar com a possibilidade de uso de outros adjuntos adverbiais para verificar se a argumentação, que aponta para a urgência, prevaleceria.

---

<sup>6</sup> Lembramo-nos, neste momento de nossa enunciação, do que nossa querida e inesquecível colega e amiga Marlene Teixeira disse em uma banca de Trabalho de Conclusão de Curso, ao elogiar um estudo sobre a pluralidade semântica das orações relativas apositivas (mais ou menos com estas palavras): “Tudo o que o locutor diz é importante; nada é dispensável no texto.”

Outra sintagmatização que chama nossa atenção é o uso do verbo “estar” no pretérito perfeito do indicativo (“estive”) no período que introduz a carta, por meio do qual o locutor descreve positivamente os serviços prestados e a qualidade dos produtos da Motorola durante determinado tempo. Quando o locutor situa um estado de coisas (satisfação quanto aos serviços e produtos da Motorola) no marco temporal passado, isto é, em um tempo anterior ao momento da enunciação, o alocutário já é levado a depreender a insatisfação do locutor no tempo presente. Voltando às questões sobre análise linguística formuladas por Luana em seu planejamento (“Quais tempos mais aparecem? Como esses tempos constroem o sentido do texto?”), gostaríamos de lembrar que uma análise enunciativa nunca é exaustiva, de modo que não é necessário (e talvez nem pertinente) analisar, num texto, todas as formas verbais ou todos os adjuntos adverbiais, por exemplo. Quem sabe, podemos dar mais atenção àquelas formas linguísticas que gritam mais alto: “Eu estou aqui e quero ser escutada, pois tenho muito a dizer sobre o sentido promovido nesta enunciação!”.

Outras formas linguísticas desse texto talvez estivessem chamando para serem perscrutadas, e outros falantes linguistas talvez as escutassem. Nesta análise, que é também uma enunciação, demos ouvidos e voz a algumas delas, com o objetivo de mostrar que, numa análise linguística, é fundamental que olhemos para o sentido que é produzido pelo uso de formas linguísticas, em sua relação umas com as outras. Vale destacar que não existe apenas uma forma linguística a ser analisada na oficina proposta por Luana: é o texto – materialização de uma enunciação singular – que deve ser o foco dessa proposta. E esse texto tem significância a partir do entrelaçamento de formas.

### **ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS**

As reflexões e problematizações desenvolvidas neste artigo possibilitam-nos concluir que é fundamental que, nos cursos de Letras, sejam formados professores que tenham sido preparados e motivados para explorar a complexidade das formas linguísticas em busca do sentido (impossível de ser apreendido em sua totalidade). Ao serem instigados a olhar para o texto como um objeto singular, em que se materializa a língua em funcionamento, os futuros professores de língua não mais o conceberão como um depósito de formas linguísticas a serem identificadas e classificadas.

Defendemos a ideia de que os egressos dos cursos de Letras devem ter, sim, o conhecimento de aspectos formais da língua. Mas isso não basta. Eles precisam voltar à Educação Básica como professores que foram sensibilizados para conceberem o arranjo de formas linguísticas como “procedimento acessório”<sup>7</sup> (Benveniste, 1989: 84) de que se vale o locutor quando fala de “seu mundo” e produz sentidos acima de tudo.

Pensamos que, adotando essa concepção de análise linguística em cursos de Letras, estaremos realizando experiências humanas com a linguagem em sala de aula e, conseqüentemente, formando professores de língua que centrem suas aulas na significância da língua, e não na imposição de regras e na memorização de metalinguagem. Ressalvamos, contudo, que o comentário singular sobre a enunciação de outro – a qual também é sempre singular – deve assentar-se na sintagmatização empreendida pelo locutor.

Professores de língua(s) como falantes de língua, em última instância, deixam ver, em seus planejamentos, que “a linguagem serve para viver”. (Benveniste, 1989: 222). Isso porque o professor, por ser também um falante da língua, muito antes de ensinar, vive linguagem com seus alunos.

## REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

\_\_\_\_\_. *Problèmes de linguistique générale, 2*. Paris: Gallimard, 1974.

\_\_\_\_\_. *Últimas aulas no Collège de France*. Trad. Daniel Costa da Silva et al. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF, 2017. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Éditions in Press, 2006.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: \_\_\_\_\_. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

\_\_\_\_\_. *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

---

<sup>7</sup> O adjetivo “acessórios”, nessa expressão usada por Benveniste no artigo **O aparelho formal da enunciação**, não deve ser compreendido como “menos importante” ou “secundário”. É por meio dos procedimentos acessórios (arranjos sintagmáticos), ao lado dos índices específicos (dêiticos que apontam para eu-tu-aqui-agora), que o locutor enuncia e se constitui sujeito.

NORMAND, Claudine. *Bouts, brins, bribes – petit grammaire du quotidien*. Órleans: Le Pli, 2002.

\_\_\_\_\_. *Convite à linguística*. Trad. e org. Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan. São Paulo: Contexto, 2009.

ONO, Aya. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

Recebido no dia 17 de dezembro de 2019.

Aprovado no dia 11 de março de 2020.